

UMA HISTÓRIA TODA SUA: A PERSONAGEM FEMININA
E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM *UM MAPA TODO
SEU* DE ANA MARIA MACHADO

*Una historia toda suya: el personaje femenino
y las representaciones de género en Um Mapa todo seu
de Ana Maria Machado*

*The Female Character and Gender Representations
in Um Mapa todo seu by Ana Maria Machado*

Giulia MANERA

Academia da Guiana, França
giulia.manera@univ-guyane.fr

RESUMO: Este estudo analisa o processo de codificação da matéria historiográfica pela escrita literária, no caso específico da representação de personagens femininas, tradicionalmente à margem ou invisibilizadas pelo discurso historiográfico. Para mostrar como narração ficcional e narração histórica interagem na criação e na interpretação do passado, baseamo-nos na leitura do romance *Um Mapa todo seu*, de Ana Maria Machado, publicado em 2015. Na obra, a personagem Eufrásia Teixeira Leite é construída a partir do diálogo entre a matéria histórica e a literária, sugerindo uma reflexão particularmente significativa sobre as representações de gênero e sua historicização.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Ana Maria Machado; romance histórico; representação do feminino; gênero.

RESUMEN: El estudio analiza el proceso de codificación de la materia historiográfica por parte de la escritura literaria en el caso concreto de la representación de personajes femeninos, tradicionalmente al margen o invisibilizados por el discurso historiográfico. Para mostrar cómo la narración de ficción y la narración histórica interactúan en la creación e interpretación del pasado, nos basamos en la lectura de la novela *Um Mapa todo seu* de Ana Maria Machado, publicada en 2015. En la obra, el personaje de Eufrásia Teixeira Leite se construye a partir del diálogo entre la materia histórica y la literaria, sugiriendo una reflexión especialmente significativa sobre las representaciones de género y su historización.

Palabras clave: literatura brasileña; Ana Maria Machado; novela histórica; representación de lo femenino; género.

ABSTRACT: This study analyses the process of codification of historiography by literary writing in the specific case of the representation of female characters, traditionally at the margins or invisibilized by historiographical discourse. To show how fiction and historiography interact in the creation and interpretation of the past, the analysis is based on the reading of the novel *Um Mapa todo seu* by Ana Maria Machado, published in 2015. In the novel, the character of Eufrásia Teixeira Leite is constructed from the dialogue between historiography and fiction, suggesting a particularly significant reflection on gender representations and their historicization.

Key words: Brazilian literature; Ana Maria Machado; historical novel; representation of the feminine; gender.

1. Introdução

A contracapa da obra informa o leitor que *Um Mapa todo seu*¹ é um romance, o décimo da prolífica carreira literária de Ana Maria Machado: «um romance instigante que leva o leitor ao final do século XIX» (Machado, 2015). Os protagonistas, Eufrásia Teixeira Leite e Joaquim Nabuco, são duas personagens históricas. Ele é uma das figuras mais marcantes do século XIX no Brasil, símbolo da abolição; ela é uma «sinhazinha fluminense» (Falci; Melo, 2002: 167) que se torna uma mulher de negócios administrando o patrimônio

¹ Publicado em 2015 pela Alfaguara, *Um Mapa todo seu* é traduzido ao francês por Claudia Poncioni e Didier Lamaison, em 2018, com o título *Cap vers la liberté* (edição Des Femmes).

herdado do pai e é contemplada pelas crônicas mais pela relação sentimental com Nabuco do que pela filantropia e pelo importante legado. Como afirma a autora no posfácio Aos leitores: «os protagonistas desse livro são reais e fazem parte da História do Brasil. Mas esta é apenas uma obra de ficção inspirada em suas vidas. Tomei a liberdade de imaginar cenas, ainda que procurasse jamais agredir a História e, sempre que possível, aproveitar palavras que eles mesmos deixaram registradas» (Machado, 2015: 221). Mas de qual maneira se estrutura esse diálogo entre a História maiúscula e a ficção, num processo de construção/desconstrução das identidades de gênero e do imaginário do passado?

O presente estudo não pretende analisar a contribuição de Ana Maria Machado à biografia de Eufrásia Teixeira Leite, personagem sobre a qual existem bibliografia e ensaios críticos consideráveis, nem dissecar elementos ficcionais e documentais na trama da obra e nas palavras dos protagonistas². A leitura de *Um Mapa todo* proposta aqui pretende contribuir à reflexão sobre a interação entre matéria historiográfica e matéria ficcional na construção do imaginário do passado das personagens femininas, tradicionalmente pouco representadas e silenciadas.

2. Uma questão de gênero

A abordagem de gênero é sugerida, antes mesmo da leitura da obra, pelo título que cita implicitamente um *Teto todo seu*, a célebre transcrição das conferências de Virginia Woolf na Universidade de Cambridge, em 1928³. A análise de *Um Mapa todo seu* confirma plenamente o convite contido no título, revelando a pertinência da categoria de gênero. Uma categoria duplamente útil, que não somente questiona a invisibilidade das mulheres na historiografia, colocando no centro da página uma mulher à qual a História tem se interessado apenas marginalmente, mas possibilita uma análise do gênero literário do romance histórico, tradicionalmente considerado como mais masculino em oposição ao romance introspectivo, mais feminino.

² Para uma análise da construção ficcional a partir dos dados biográficos em *Um Mapa todo seu*, mas também em *Mundos de Eufrásia*, de Cláudia Lage (2009), ver o artigo de Marilene Weinhardt citado na bibliografia.

³ Eufrásia Teixeira Leite faleceu em 1930 e não sabemos se, em suas leituras cosmopolitas, ela chegou a conhecer a obra de Virginia Woolf que trata, entre outras coisas, da importância da independência financeira das mulheres na luta por direitos iguais.

Numa entrevista realizada por ocasião desse estudo, Ana Maria Machado afirma que a ideia da palavra *mapa* do título veio de uma sensação muito pessoal: «de estar entrando num território sem mapa, sem exemplo ou coordenadas confiáveis que me guiassem como mulher em terras pouco exploradas, tendo que descobrir meus próprios caminhos e arcar com as consequências de por onde eles me levassem⁴». A autora declara que a personagem de Eufrásia, que traça seu próprio mapa existencial sem orientações prévias e fora dos caminhos traçados, evocou essa sensação e sugeriu o título.

A categoria de gênero sugere, nesse sentido, uma dupla perspectiva de análise, indicando um paralelismo entre a excepcionalidade da personagem Eufrásia e a postura intelectual e a carreira da escritora, questionando o posicionamento e a representação das mulheres no campo literário brasileiro contemporâneo⁵.

3. Gênero literário e *gender*

Um Mapa todo seu pertence ao gênero romance. Mas que tipo de romance? A obra, que inclui e compreende em si diferentes textos e níveis de escrita, apresenta numerosas possibilidades de leitura. A convivência de diferentes estilos e registros é apontada por Christian Roinat que, num artigo publicado em ocasião do lançamento da edição francesa do livro, afirma que o texto poderia ser definido um «romance histórico» descrevendo o Brasil e a Europa da segunda metade do século XIX. Ou ainda «um romance psicológico», contando os tormentos de duas almas, ou um «romance engajado» sobre a liberdade das mulheres e a luta pela abolição da escravatura, ou um «romance social», ou um «melodrama» contando um amor impossível (Roinat, 2018). A leitura

⁴ A citação é retirada de uma entrevista de Ana Maria Machado realizada por mim em 22/03/2021 e ainda inédita. Resolvemos utilizar esse material inédito como documento de trabalho pelo seu inegável interesse na elucidação de aspectos centrais do estudo, e pela ausência de outras fontes equivalentes.

⁵ Como a precursora Eufrásia, o percurso intelectual de Ana Maria Machado, cuja consagração é representada pela eleição na Academia Brasileira de Letras, em 2003, e a sua nomeação à presidência da instituição entre 2012 e 2013, participa da integração de escritoras e intelectuais a espaços materiais e simbólicos tradicionalmente masculinos. Ana Maria Machado é a quinta mulher eleita como imortal na história da instituição, que abriu suas portas às mulheres apenas em 1977, oitenta anos após sua fundação, com a eleição de Rachel de Queiroz e cujos membros femininos são minoritários. Sobre isso, recomendamos os trabalhos de Fanini e Venâncio Filho citados na bibliografia.

da obra confirma essa intuição e mostra que a autora circula livremente entre diferentes registros narrativos, passando da terceira pessoa em páginas mais didáticas e explicativas, que evocam o ensaio histórico, à capítulos entremeados de diálogos diretos, nos quais a dimensão ficcional prevalece. Por fim, Ana Maria Machado recorre à narração em primeira pessoa para humanizar Zizinha e Quincas e dar voz a seus tormentos amorosos⁶. Os curtos capítulos que estruturam a obra apresentam, em função de título, a indicação da data e do lugar dos acontecimentos narrados. O conjunto apresenta uma estrutura circular, desde o primeiro capítulo intitulado «Rio de Janeiro 1873», que descreve o encontro entre as duas personagens, até o último, «Rio de Janeiro 1930», que conta os momentos sucessivos à morte de Eufrásia e o destino da sua fortuna. Mas de que maneira Ana Maria Machado articula esses registros, fazendo a matéria ficcional dialogar com a matéria histórica?

Na análise do processo de construção do passado e das suas representações, a consideração do estatuto narrativo do discurso histórico origina o questionamento da sua relação com a ficção histórica. Nessa perspectiva, é necessário considerar que narração histórica e narração ficcional compartilham não somente as mesmas categorias fundamentais, mas também uma mesma concepção de casualidade, uma mesma maneira de fazer agir suas personagens, de construir uma temporalidade, como afirma Roger Chartier (1998: 15)⁷. A partir de uma dimensão narrativa comum entre a escrita historiográfica propriamente dita e a obra literária com vocação histórica – romance, crônica, memorial, biografia – surge, então, uma dialética essencial entre o factual e o fictício, o histórico e o romanesco (Nora, 2011: 8). Dois níveis que convivem nem sempre harmoniosamente nas páginas de *Um Mapa todo seu*, onde o respeito à verdade histórica impede, por momentos, a Eufrásia ficcional de encontrar sua voz e o espaço que ela mereceria na economia narrativa. Analisando a literatura que tem por objeto os fenômenos do passado, Judith Lyon Caen (2019: 30) se pergunta de que maneira a ficção recorre ao saber dos historiadores e o que ela faz do passado. Trata-se de questionamentos que se demonstram particularmente fecundos

⁶ Se os primeiros oito capítulos são narrados em terceira pessoa, no oitavo a personagem de Eufrásia se expressa em primeira pessoa, confiando a um diário íntimo suas reflexões existenciais. Um recurso que a autora utiliza novamente no vigésimo terceiro capítulo. No capítulo 12 é a vez da personagem de Joaquim Nabuco, que conta em primeira pessoa suas sensações e projetos.

⁷ «[U]ma mesma maneira de fazer agir as suas “personagens”, [...] de construir a temporalidade, uma mesma concepção de casualidade». Esta tradução, como as outras apresentadas em notas ao logo do texto, são traduções de serviço, realizadas apenas para harmonizar o texto e a sua leitura.

quando no campo da pesquisa entra uma multiplicidade de sujeitos e objetos tradicionalmente marginalizados pela disciplina histórica. Como as mulheres e os relacionamentos de gênero, para citar apenas o argumento que interessa ao estudo de caso aqui apresentado.

Nessa perspectiva, a narração na primeira pessoa e a estrutura memorialística de alguns capítulos da obra se revelam especialmente significativas pois, através do eu, conferem à protagonista não somente a valência de narradora, mas também de testemunha e de atriz da história. Com as suas narrações, histórias verossímeis e possíveis, o texto literário consegue preencher um vazio do imaginário criado pela historiografia, tradicionalmente desinteressada do sujeito feminino. Além disso, a ficção com vocação histórica pode propor figurações «outras», anticonvencionais e minoritárias, em ruptura com os padrões do comportamento feminino aceitos pela sociedade da época.

4. Uma precursora

A Eufrásia de Ana Maria Machado é representada como uma precursora⁸. Depois da morte dos pais, ela abandona o Brasil e a segurança da proteção dos tios, para se mudar para Paris com a irmã e a criada. O que surpreende é que a jovem resolve não se casar e administre pessoalmente o seu imenso patrimônio, visitando o salão da Bolsa em Paris e acompanhado a finança internacional, numa época em que o campo financeiro era inacessível para as mulheres. A protagonista de *Um Mapa todo seu* é, antes de mais nada, uma hábil mulher de negócios, que coloca em sombra a rica sinhazinha órfã do final do século XIX que se apaixonou pelo jovem Joaquim Nabuco.

Na análise da personagem de Eufrásia, a categoria de gênero é indissociável das de classe e de raça. Eufrásia tem a escolha de não se casar, pois ela é uma mulher da elite, rica e, evidentemente, branca. Trata-se de um aspecto central da obra, pois a protagonista escolhe ciente a condição de solteira, apesar da censura social que isso comporta, renunciando ao casamento com o homem que ela ama. Essa renúncia é a condição necessária para manter a independência e continuar a administrar o próprio patrimônio, já que na época o contrato matrimonial e a instituição do dote pressupunham que todos os bens da mulher passassem a ser controlados pelo marido.

⁸ Na entrevista realizada em ocasião desse estudo (nota 4), Ana Maria Machado afirma ter contemplado o título *A Precursora* antes de optar por *Um Mapa todo seu*.

A interseccionalidade das categorias de raça, classe e gênero na análise da personagem histórica de Eufrásia Teixeira Leite é destacada igualmente por Falci e Melo que afirmam que: «revendo-se a trajetória de mulheres ricas no século XIX, na sociedade brasileira, pode-se perceber que a posse de patrimônios por essas mulheres levou a que elas pudessem exercer poder sobre suas próprias vidas, fugindo do tradicional papel feminino» (Falci; Melo, 2002: 168). Papel tradicional feminino que pode ser resumido em duas palavras: mãe e esposa. No Brasil, o período conhecido como *Belle Époque*, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, representa uma fase de definição da fisionomia social e política do país. Um momento representado pela instauração da ordem social definida como burguesa, em que os comportamentos tradicionais se cristalizam em rígidos papéis sociais (Sohiet, 2006: 362). Um processo descrito por Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, que apontam o poder normativo das representações de mãe e esposa:

Ao solidificar a concepção das esferas separadas, a mulher foi convocada a assumir a direção do lar em nome de uma determinada definição de família. Isso [...] acabou por circunscrever a família ao «lar feliz», onde a mulher é apresentada como rainha, escamoteando-se, assim, o drama da história, os conflitos, as diferenças e as relações de poder que se dão no seu interior. (Maluf; Mott, 1998: 421)

As figuras de anjo do lar e de mãe devota ocultam não somente a condição de profunda subordinação das mulheres no casamento e na sociedade, mas são carregadas de um potente valor normativo. Enquadrada pelo código civil, exaltada pela moral católica, celebrada pela imprensa, a de esposa e mãe se torna a única identidade reconhecida e socialmente aceitável para uma mulher adulta. Lembra-se que, na época, uma mulher casada não podia trabalhar sem a autorização formal do marido e o seu estatuto jurídico era comparável ao de um menor de idade. Na prática, os hábitos e as tradições atribuíam ao marido poderes ainda mais amplos dos contemplados no código civil. Na escala reduzida da família, os homens e as mulheres assumem papéis complementares e opostos, numa rígida bi-categorização do espaço político e social que se reflete na organização do Estado.

A partir dessas observações contextuais é possível afirmar que *Um Mapa todo seu* pode ser considerado como um romance de amor, porém não entre Zizinha e Quincas, mas sim entre a protagonista e a sua independência. No oitavo capítulo, Eufrásia afirma:

Não sou como as outras, obrigadas a trocar as rédeas do pai pelo cabresto do marido. Não preciso me submeter a isso. Posso ter escolhas. Sou dona do meu nariz. [...] Não dependo dele, minha liberdade é protegida pela herança do meu pai, e mais a da minha avó. E pelo preparo e exemplo que me deram. Não sou forçada a aturar que me desrespeitem, como tantas coitadas, por não ter onde cair morta. (Machado, 2015: 60)

Na página seguinte, a personagem reafirma a sua determinação, denunciando abertamente a instituição do casamento graças à imagem potente de um território desconhecido a ser desbravado:

Um casamento para mim não precisará ser fundado na obediência e na submissão. [...] Não preciso ser igual a todas as mulheres traídas que conheço. [...] vou ter de buscar outros exemplos ou criar meus próprios modelos. Ninguém me deixou um mapa pronto, a definir esse novo território em que decidi me aventurar [...]. Posso não ser a primeira pessoa do meu sexo nessa procura. Seguramente deve haver precursoras e companheiras da mesma sorte [...]. Mas quero estar entre as primeiras. Faço questão. (Machado, 2015: 61).

As adversidades que a Eufrásia ficcional enfrenta e os elementos biográficos sobre a personagem histórica revelam que um casamento não baseado na submissão da mulher era ainda impensável e irrealizável na época e, apesar do amor, a renúncia a uma vida sentimental e familiar plena aparece como a única possibilidade. A personagem criada por Ana Maria Machado é, então, uma mulher solteira por escolha, o que contradiz o imaginário associado às *vieilles-filles*, ou *sprinters*, tradicionalmente representadas negativamente, como mulheres irrealizadas, tristes, amargas e mesquinhas. Tudo o que a protagonista de Ana Maria Machado não é. Nessa perspectiva é importante sublinhar que não se trata de mulher «empoderada» pela viuvez, como as matriarcas valentes que encontramos na história da elite nacional. Ela escolhe o seu destino. O amor por Quincas existe, é um sentimento forte que acompanha a protagonista durante a vida toda. Mas, simplesmente, o amor não basta. Ou, como diria Conceição, outra personagem feminina, solteira, célebre da literatura brasileira, de autoria feminina que, cronologicamente, poderia ser uma neta de Eufrásia, protagonista de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, o casamento não «vale a pena» (Queiroz, 2007: 131). Que pena? A pena de renunciar à própria independência. E na tabela de custos-benefícios é com certeza um investimento à perda para Eufrásia, apesar de que renunciar ao casamento signifique renunciar também à maternidade, outro atributo natural e fundamental das mulheres.

Todavia, na economia narrativa, o fato de Eufrásia não ceder à paixão e ao amor, casando-se e encontrando o anelado *happy ending*, faz dela uma

personagem muito pouco romanesca, com a qual é difícil simpatizar, impenetrável e, por momentos, inacabada. E é justamente essa incompletude o elemento mais potente e eficaz da sua representação, pois Ana Maria Machado escolhe não «explicar» a personagem. Se a identidade e a excepcionalidade da protagonista de *Um Mapa todo seu* são construídas justamente em volta da sua determinação e do amor à independência, a Eufrásia ficcional em nenhum momento é representada como uma heroína vitoriosa e triunfante, apagada pela sua unicidade frente a uma sociedade retrógada. Ela é excepcional e, justamente por isso, hesita, não quer se casar, chora e se magoa, tem arrependimentos, expressando, assim, as tensões e as normas do momento histórico que ela vive. Se as lacunas da figura da protagonista a tornam menos cativante e contemporânea, menos legível, ao mesmo tempo permitem à autora não «agredir a História» (Machado, 2015: 221) e, com ela, a Eufrásia real.

5. Conclusão

Com a sua singularidade inventada, mas verossímil, a protagonista de *Um Mapa todo seu* representa e dá voz a uma alteridade, sugerindo uma figuração que se revela significativa na compreensão do gênero como categoria histórica, interagindo com o imaginário do passado. Pois, como lembra Joan Scott: «Para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articular a natureza de suas inter-relações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança» (Scott, 1995: 86). Na análise das tensões entre a matéria ficcional e a matéria histórica não se trata de extrair do texto um conteúdo documentário, constituindo o romance em documento «apesar dele» (Lyon Caen, 2019: 23). A obra ficcional, e mais diretamente a obra ficcional com vocação histórica, deve ser considerada um instrumento fundamental de compreensão dos fenômenos e dos funcionamentos sociais do passado, das relações de poder e de conflitualidade (Lyon Caen, 2019: 24). Uma compreensão que vai além do âmbito limitado da monografia, da personagem individual, buscando a estabilidade e a recorrência das construções sociais e culturais que envolvem essas singularidades. Nessa perspectiva, é possível afirmar que *Um Mapa todo seu* representa um objeto privilegiado na compreensão das representações da identidade feminina e das relações de gênero, em suas diferentes formas, no Brasil do final do século XIX e do começo do século XX.

Como sugere Nathalie Heinich, as figurações e os comportamentos propostos pelos romances não podem ser considerados como reais, mas como representações imaginárias que, em seu conjunto, criam sistemas simbólicos (Heinich, 1996: 342). Assim, a análise das personagens ficcionais possibilita entender as mudanças e as tensões que caracterizam o simbólico e que reverberam no real. As duas esferas são distintas, mas se influenciam mutuamente, num diálogo em que a literatura e, mais especificadamente, a ficção com vocação histórica desempenha um papel essencial. O romance, como todos os sistemas narrativos, tem a capacidade de conferir uma forma, uma estabilidade e uma definição às representações, tornando-as mais operantes. A ficção possui então um poder particular sobre as estruturas imaginárias da experiência, atribuindo o estatuto e a força de referência a afetos que, sem o romance, permaneceriam menos compartilhados e compartilháveis (Heinich, 1996: 342).

Essas considerações permitem afirmar que o romance não se limita a descrever e contar identidades preexistentes, mas pode criar identidades, colocando-as na esfera simbólica e, portanto, no universo dos possíveis. Um processo que, no caso do romance histórico, questiona as representações do passado e a nossa percepção delas, carregando a obra de um valor ideológico inegável. Como afirma Gengembre (2010: 373), além de expressar orientações e conflitos ideológicos do nosso tempo, o romance histórico contemporâneo tem o poder de contestar o pensamento mesmo do «sentido da História».

Os documentos historiográficos revelam que Eufrásia Teixeira Leite foi uma pioneira, uma mulher fora do comum na época em que viveu. Mas, graças à obra de Ana Maria Machado, a personagem ficcional nela inspirada consegue desbravar, material e simbolicamente, outros caminhos. A sua presença na página contribui para historicizar a crítica às relações de poder, revelando a dimensão da crise da instituição matrimonial e as primeiras contestações à dependência financeira das mulheres; todas essas questões que serão centrais nas reivindicações dos movimentos feministas ao longo do século xx.

Representando uma personagem feminina transgressiva numa dimensão histórica, o romance *Um Mapa todo seu* de Ana Maria Machado participa da percepção do passado, se tornando o terreno ideal para a compreensão de fenômenos sociais e alimentado um imaginário das identidades de gênero que contradiz as representações tradicionais. Graças à personagem de Eufrásia, que circula entre o espaço factual e o ficcional mantendo uma verossimilhança, a autora contribui para o questionamento de uma história e de uma

historiografia – e de uma literatura – sem mulheres, restituindo visibilidade, complexidade e voz às nossas antepassadas e às suas formas de resistência.

Referências bibliográficas

- Boisclair, Isabelle, e Saint-Martin, Lori. (2006). «Les conceptions de l'identité sexuelle, le postmodernisme et les textes littéraires». *Recherches féministes*, 19-2, 2006, 5-27.
- Chartier, Roger. (1998). *Au bord de la falaise. L'histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Albin Michel.
- Didier, Béatrice. (2004). *L'écriture-femme*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Falci, Miridan Britto Knox, e Melo, Hildete Pereira de. (2002) «Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite. Uma análise de gênero». *Estudos Históricos*, 29, 165-185.
- Fanini, Michele Asmar. (2010). «As Mulheres e a Academia Brasileira de Letras». *História*, 29-1, 345-367.
- Gengembre, Gérard. (2006). *Le roman historique*, Paris: Klincksieck.
- Gengembre, Gérard. (2010). «Le roman historique: mensonge historique ou vérité romanesque?». *Études*, 10-413, 367-377.
- Heinich, Nathalie. (1996). *États de femme. L'identité féminine dans la fiction occidentale*. Paris: Gallimard.
- Lyon-Caen, Judith. (2019). *La griffe du temps. Ce que l'histoire peut dire de la littérature*. Paris: Gallimard.
- Machado, Ana Maria. (2015). *Um Mapa todo seu*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Maluf, Marina; Mott, Maria Lúcia. (1998). «Recônditos do mundo feminino». Novais, Ferdinando, *História da Vida Privada no Brasil 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nora, Pierre. (2011). «Histoire et roman: où passent les frontières?». *Le Débat*, 3-165, 6-12.
- Queiroz, Rachel de. (2007). *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Roinat, Christian. (2018). «Liberté des femmes dans “Cap vers la liberté” d’Ana Maria Machado». <http://www.espaces-latinos.org/archives/65511>
- Scott, Joan. (1995). «Gênero, uma categoria útil de análise histórica». *Educação e realidade*, 20-2, 71-99.
- Scott, Joan. (2009). *Théorie critique de l'histoire. Identités, expériences, politiques*. Paris: Fayard.
- Venâncio Filho, Alberto. (2006). «As mulheres na Academia». *Revista Brasileira*. XIII-49, 7-44.
- Weinhardt, Marilene. (2018). «Eufrásia Teixeira Leite: personagem biográfica romaneada». *Letras de Hoje*, 53-2, 266-274.

